

EDITORIAL

GERAÇÃO DE 45 E POETAS DE 45

A história da Geração de 45 está relacionada à publicação do artigo “O neo-modernismo”, de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), na revista *Época*, em julho de 1947, reproduzido no Suplemento Letras e Artes do jornal *A manhã* (SP), em 24 de agosto do mesmo ano. No início do texto, o crítico situava-se na geração anterior com as seguintes palavras: “nossa geração literária é chamada a geração do modernismo”, considerando que

Foi ela, de fato, que se insurgiu contra o domínio ou antes a sobrevivência do parnasianismo e do simbolismo, lançando um grito de revolta contra o espírito acadêmico de repetição e de conformidade e procurando novas formas de arte, de política e até de religião que se traduziram pelo movimento modernista, pela revolução de 30 e pelo renascimento católico (ATAHYDE, 1947, p. 4)¹.

Observando que os três movimentos citados acima, por vezes, se hostilizaram reciprocamente, via-os, no presente, como fazendo “parte de uma mesma onda da vida, que foi a expressão múltipla e ao mesmo tempo uniforme do espírito de uma nova geração”. Explicava que, por isso, costumava “delimitar o movimento modernista pelos marcos da vida literária de Mário de Andrade, entre 1920 e 1945”, destacando que, com a morte de Mário de Andrade, “encerrava-se um ciclo em nossa história literária”. Há outros aspectos desse texto que merecem atenção, como a observação de que o novo movimento não vinha de improviso, nem se manifestava “como uma ruptura e sim como um prolongamento”, mas, para o propósito deste editorial, interessa-nos destacar a sugestão do limite histórico do modernismo apontado por Tristão de Athayde e, depois, adotado pelos novos.

¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/698> Acesso em: 18 ago. 2021.

No dia 29 de abril de 1948, meses depois da publicação do artigo “O neo-modernismo”, de Tristão de Athayde, realizou-se em São Paulo o I Congresso Paulista de Poesia, que contou com o poeta Domingos Carvalho da Silva como o seu principal idealizador e organizador. Domingos Carvalho da Silva apresentou a tese “Há uma nova poesia no Brasil”, a que, como escreveu Rodrigues (1988, p. 96), outro nome da nova geração, “se seguiu uma entrevista do poeta ao ‘Correio Paulistano’, quando cunha, definitivamente, a expressão ‘Geração de 45’”². Na referida entrevista, publicada em 8 de maio de 1948, Domingos Carvalho da Silva destacou que a nota dominante na assembleia de poetas no Congresso foi a batalha das duas gerações, a de 22 e a de 45. Na explicação da data de 45 como marco da geração, reportou-se ao título de algumas obras, com nomes de seus respectivos autores, e ao artigo de Tristão Athayde:

[...] se assinalei o ano de 45 como um marco, assim procedi pensando em ‘As imaginações’ de Ledo Ivo, ‘O mundo subterrâneo’ de Bueno de Rivera, ‘O engenheiro’ de Cabral de Melo Neto, a ‘Predestinação’ de Geraldo Vidigal, a ‘Lamentação Floral’ de Péricles da Silva Ramos e – por que não? – na minha ‘Rosa Extinta’. A maior parte destes livros pertence a 45 e os demais aos anos vizinhos. O ano de 45 está portanto no centro de toda aquela floração. É o ano que Tristão de Ataíde apontou como o fim do modernismo, por ter sido justamente o ano da morte de Mário de Andrade (SILVA, 1948, n. p)³.

A referida entrevista foi publicada com a manchete “A batalha entre 22 e 45 determinou o itinerário do Congresso de Poesia”. Trazia uma fotografia de rosto do poeta Domingos Carvalho da Silva e, no início do texto, destacava que “o Congresso de Poesia, recentemente realizado nesta capital, continua sendo o assunto do momento nos meios literários de São Paulo e do país”.

² RODRIGUES, Geraldo Pinto. *Poetas por poetas*. São Paulo: Marideni, 1988.

³ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/37498 Acesso em: 18 ago. 2021.

Passados mais de 70 anos da realização do I Congresso Paulista de Poesia, muita coisa foi escrita sobre a Geração de 45, mas há muitas outras por discutir, sobretudo tendo em vista a leitura das obras, correspondências, textos teóricos e críticos etc. legados pelos escritores da geração, bem como por outros escritores e críticos que lhes foram contemporâneos. A título de exemplo, citemos as tendências formalistas e classicizantes frequentemente associadas à Geração de 45, mas extensiva à lírica do período. Tendo em vista o fato reconhecido por Bourdieu de que há um vínculo entre a constituição de um campo literário autônomo e as tendências formalistas e estetizantes, já se observou que essas tendências na lírica do pós-guerra “vieram acompanhadas de um intenso e acalorado debate, não só entre os poetas, mas também entre os críticos do período, sobre a natureza do ‘essencialmente poético’, o hermetismo, a poesia pura etc.”. Ao debruçar-se sobre esse “pano de fundo” e indagar-se sobre “a especificidade da inflexão neoclássica do verso e da depuração processada na lírica do período”, pode-se, ainda, chamar a atenção para o fato de que “ela se inscreve numa tendência maior de época e, enquanto tal, constitui uma reação à crescente especialização do trabalho intelectual, que obrigaria poetas e críticos a instituir critérios mais puros para delimitar a natureza particular da poesia”. Além disso, reconhecendo a proliferação de grupos pelo país, “importa insistir no perfil dos poetas de 45 como compondo, efetivamente, um ‘grupo’, que ocupou, de certo modo, uma posição hegemônica e precisa ser estudado como tal”, sem terem sido “os únicos a definir a orientação estética da época, inclusive no que concerne à inflexão clássica” (CAMILO, 2020, p.113)⁴.

Tendo chegado o momento de publicar as contribuições que atenderam à chamada “Geração de 45, Poetas de 45” da revista *Texto Poético*, a seção *Dossiê* é encabeçada pelo artigo “‘Prezado poeta’: as cartas de CDA para DCS”, de Maria Lucia de Barros Camargo, dedicado

⁴ CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes: da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

à análise das correspondências trocadas entre Carlos Drummond de Andrade e Domingos Carvalho da Silva, observando como os dois poetas mantiveram um diálogo distante dos antagonismos das duas gerações.

Ao lado de Domingos Carvalho da Silva, quando se trata da Geração de 45, outro poeta, com frequência, lembrado como um dos líderes da geração é Péricles Eugênio da Silva Ramos, um dos diretores da *Revista Brasileira de Poesia* e um dos fundadores e diversas vezes diretor do Clube de Poesia, órgãos que atuaram para promoção e divulgação da Geração 45. O segundo texto do presente dossiê intitula-se “Temas e versos em *Sol sem tempo*, de Péricles Eugênio da Silva Ramos”. O autor, João Francisco Pereira Nunes Junqueira, analisa a poesia de Silva Ramos a partir de aspectos relevantes da teoria do verso, da recepção da obra e de textos teóricos do próprio poeta.

A *Revista Brasileira de Poesia*, editada em São Paulo entre 1947 e 1956, é discutida no próximo artigo, intitulado “Ausências e presenças na Revista Brasileira de Poesia (1947-1956)”, de Carlos Speck Pereira e Jeferson Candido, no qual os autores, no que tange ao debate das gerações, preferindo não falar em tensão, leem as vozes dissonantes publicadas no periódico e, reportando-se à pesquisa de Vagner Camilo (2020), optam pela expressão “encruzilhada da lírica moderna”.

Um poeta muito lembrado nos textos que abordam a Geração de 45 é João Cabral de Melo Neto, porém, com frequência, situado com ressalva ou citado apenas para destacar a sua posição na geração como mera contingência temporal. Ele também tem sido lembrado como intérprete da geração por causa dos quatro artigos que publicou sobre a Geração de 45 no *Diário Carioca*, em 1952. No presente dossiê, José Carlos Pinheiro Prioste, autor do artigo “João Cabral e o equívoco da Geração de 45”, discute justamente o lugar do poeta na referida geração.

O próximo artigo, “Da palavra-pedra ao ovo-enigma: Imagem poética em João Cabral de Melo Neto”, é dedicado à análise do poema “O ovo de galinha”, publicado na obra *Serial* (1961), de João Cabral de Melo Neto. Os autores, Saulo Lopes de Sousa, Deivanira Vasconcelos Soares

e Kátia Carvalho da Silva Rocha, concordando com os que consideram João Cabral como pertencente à Geração de 45 apenas pelo aspecto cronológico, analisam a imagem poética do ovo no poema recorrendo à presença do ovo na obra de outros artistas.

Em 1983, na comunicação intitulada “Anotações sobre a poesia brasileira de 1922 a 1982”, realizada durante a I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, Sant’Anna (1983, p. 278) propôs que a Geração de 45 foi um fenômeno ocorrido, também, em outros países – Estados Unidos, Cuba, Itália, Venezuela, Paraguai e Argentina. Para o autor, “enfim, há uma possível relação entre o fim da II Guerra Mundial e o efeito estético produzido sobre uma geração de escritores em todo o mundo”, observando que “psicológica e esteticamente, entende-se a necessidade de toda uma geração de voltar a certos princípios conservadores, depois da devastada guerra”⁵.

Finalizamos as contribuições do dossiê com o artigo “La poesía neorromántica argentina del ’40: un panorama para pensar sus relaciones con la generación brasileña del ’45”, de Víctor Gustavo Zonana, que apresenta aspectos importantes sobre a poesia do pós-guerra e o campo literário na Argentina, de interesse para os estudos sobre a lírica moderna e para os estudos de literatura comparada.

Quando iniciamos a chamada para o dossiê “Geração de 45, Poetas de 45”, destacamos que a referida geração tem sido uma das mais famigeradas da história da literatura brasileira porque, com o passar dos anos, sofreu o descaso crítico, frequentemente associado a julgamentos negativos para a identificada tendência formalista, regressiva ou conservadora na poesia. Alguns críticos e historiadores têm questionado o próprio rótulo de “geração”, considerando que se trata mais propriamente de um *grupo*, cujas propostas tornaram-se hegemônicas, abafando outras vozes e tendências do período não alinhadas às propostas por ela defendidas.

⁵ SANT’ANNA, Affonso Romano de. Anotações sobre a poesia brasileira de 1922 a 1982. In: PROENÇA FILHO, Domício (org.). *O livro do seminário: ensaios*. São Paulo: R.L. Editores, 1983.

Haveria, ainda, que se considerar a suposta “influência” sobre as gerações anteriores, defendida por alguns críticos e, mesmo por alguns dos poetas de 45. O presente dossiê traz contribuições para a discussão dessas e de outras questões que envolvem tanto o estudo da poesia quanto do campo literário no contexto do pós-guerra.

Às vésperas do centenário da Semana de 22, temos presenciado a realização de comemorações e, também, revisões críticas desse evento que entrou para a história como marco do modernismo brasileiro. A pesquisa sobre a lírica do pós-guerra tem contribuições importantes a trazer para esse debate por diferentes motivos, dos quais, tendo em vista os artigos deste dossiê, destacamos: as diversas formas de diálogo, aproximações, diferenças que se pode observar entre os membros das gerações de 22 e de 45, possibilitando, também, “pensar como os modernistas, outrora contestadores, responderam à condição de geração passada e entronizada num cânone moderno, paradoxalmente convertido em tradição” (CAMILO, 2020, p.172)⁶.

Na seção *Vária*, este volume apresenta o texto “Mito e imaginário em *Sociologia Goiana*, de Gilberto Mendonça Teles”, no qual Vanderlei Kroin e Antonio Donizeti da Cruz analisam a figura mítica e poética do Saci na obra de Teles.

O volume é encerrado com duas resenhas. Na primeira, intitulada “‘Eu volto pra matar esta saudade’: *Casa do Norte*, de Rodrigo Lobo Damasceno”, Edmon Neto de Oliveira aborda o primeiro livro de poesia de Rodrigo Lobo Damasceno, recentemente publicado pela editora Corsário-Satã. Na segunda, “O vazio entre duas línguas em *Sena & Sofia: centenários*, Paulo Braz aborda o livro organizado por Gilda Santos, Luci Ruas e Teresa Cristina Cerdeira, contendo trabalhos apresentados no congresso realizado em comemoração ao centenário de Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena, em 2019, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e o real Gabinete de Leitura.

⁶ CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes: da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

Agradecemos a todos que contribuíram para a publicação deste número da *Texto Poético* e desejamos que a leitura dos trabalhos aqui reunidos estimule outros estudos sobre a Geração de 45, os poetas do período, a lírica moderna, a poesia, enfim.

Joelma Santana Siqueira⁷
Vagner Camilo⁸
(Organizadores)

⁷ Professora associada de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Viçosa/UFV, Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. Bolsista do CNPq.

E-mail: jandraus@ufv.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1975-887X>

⁸ Professor associado de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, São Paulo, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP. Bolsista do CNPq.

E-mail: vcamilo@usp.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2528-5850>